

JULIANA PASCOAL

**A VOZ DO SOFÁ -  
O FACEBOOK COMO FERRAMENTA DE PROTESTOS  
POLÍTICOS EM SÃO PAULO.**

CELACC/ECA – USP

2013

JULIANA PASCOAL<sup>1</sup>

**A VOZ DO SOFÁ -  
O FACEBOOK COMO FERRAMENTA DE PROTESTOS  
POLÍTICOS EM SÃO PAULO.**

Trabalho de conclusão do curso de pós-graduação em Mídia, Informação e Cultura, produzido sob a orientação do Prof. Charles Nisz.

CELACC/ECA-USP

2013

---

<sup>1</sup> Juliana Pascoal, Publicitária, Centro Universitário Nove de Julho, Publicidade Propaganda. Gerente de Projetos com ênfase em moda e comportamento. Este artigo foi redigido como trabalho de conclusão do curso de pós-graduação lato sensu de Mídia Informação e Cultura, organizado pelo Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação, da ECA/USP, no ano de 2013, sob orientação do Prof. Charles Nisz.

## **RESUMO**

Com o uso crescente das redes sociais no Brasil, elas se tornaram grandes ferramentas não só utilizadas com o intuito de fazer amizades, mas também usadas por quem deseja se organizar e protestar politicamente. Nesse cenário, surge a geração M: jovens que usam essas ferramentas como armas, para reivindicar seus direitos virtualmente, tentando levar suas demandas das redes para as ruas. Mas, até que ponto essa nova postura da sociedade tem resultados concretos, antes de se perder na chamada “revolução do sofá”? Este projeto tenta refletir sobre essas novas formas de mobilização que surgem nas redes sociais, e compreender as alterações que essas ferramentas causam na sociedade em geral, os pontos positivos e negativos que esses movimentos online podem trazer, e se são bem sucedidos ou se podem simplesmente cair na referida revolução do sofá.

Palavra-chave: Protesto, Facebook, Redes Sociais, Política, Revolução.

## **ABSTRACT**

With the increasing use of social networks in Brazil, they have become great tools, not only used in order to make friends, but also used by those who want to organize and protest politically. In this scenario, arises the M generation: young people who use these tools as weapons, to claim their rights virtually, trying to take their demands from the networks to the streets. But to what extent this new attitude of society has concrete results, before getting lost in the "the couch revolution"? This project attempts to reflect on these new forms of mobilization that arise in social networks, and understand the changes that these tools have on the society in general, the positives and negatives points that these online movements can bring, and whether they are successful or may simply fall in the so called couch revolution.

Keyword: Protest, Facebook, Social Networking, Politics, Revolution.

## **RESUMEN**

Con el creciente uso de las redes sociales en Brasil, se han convertido en una gran herramienta, que no sólo se utilizan para hacer amigos, pero también es utilizada por aquellos que quieren organizarse y protestar políticamente. En este escenario, surge la generación M: jóvenes que utilizan estas herramientas como armas, para reclamar sus derechos virtualmente intentando llevar sus demandas de las red hasta las calles. Sin embargo, ¿hasta qué punto esta nueva actitud de la sociedad tiene resultados concretos, antes de perder en la "revolución del sofá"? Este proyecto trata de reflexionar sobre estas nuevas formas de movilización que se presentan en las redes sociales, y entender los cambios que estas herramientas tienen en la sociedad en general, los aspectos positivos y negativos que estos movimientos pueden poner en línea, y si tienen éxito o pueden simplemente caer en la llamada revolución del sofá.

Palabra clave: Manifestación, Facebook, Redes sociales, Política, Revolución.

# SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>07</b>
<b>2. A VOZ DA FERRAMENTA .....</b>	<b>09</b>
<b>3. O FACEBOOK .....</b>	<b>13</b>
<b>4. AMOR SIM, RUSSOMANNO NÃO.....</b>	<b>16</b>
<b>5. A REVOLUÇÃO DO SOFÁ .....</b>	<b>21</b>
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>23</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>24</b>

# 1. INTRODUÇÃO

Por causa da crescente necessidade de expressão de diferentes setores da sociedade, é possível perceber a utilização do *Facebook* como uma importante ferramenta política nos últimos tempos. As pessoas estão se adaptando à Internet e às redes sociais e as usando não somente como meio de fazer amizades, mas também as utilizando para organizar protestos e levá-los do computador para as ruas, lutando por seus ideais políticos, culturais e sociais.

Temos a impressão de que vemos menos protestos nas ruas do que há duas ou três décadas atrás; o exemplo brasileiro mais marcante é o das manifestações das “Diretas Já”, quando milhares de brasileiros saíram às ruas para pedir eleições diretas para presidente da República. Mesmo manifestações como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), que tanto exploravam esse recurso, não têm sido noticiadas com tanta ênfase como nos tempos da “Marcha à Brasília”, em 1997, protesto que buscava chamar atenção para a questão da reforma agrária.

É possível observar uma espécie de mutação nesse fenômeno, e essa mudança é catalisada por um agente contemporâneo presente na Internet: as redes sociais. Ainda que não se possa atribuir somente à Internet o surgimento da sociedade em rede, ela tem papel fundamental na sua consolidação. Ela passa a desempenhar o papel de uma das fontes viabilizadoras de práticas sociais e políticas democráticas. Em seu espaço, são desenvolvidos projetos inovadores que, muitas vezes, integram movimentos sociais e políticos.

O poder transformador das redes sociais tem sido um dos assuntos mais discutidos dos últimos tempos. Esse poder pode ser observado em situações do cotidiano, conforme mostra Alexandre Mendes, colunista do site *iMasters*, usando como exemplo a tragédia na região Serrana do Rio de Janeiro, ocorrida no início de 2013, devido às fortes chuvas. Foram surgindo comunidades e grupos no *Facebook* e perfis no *Twitter*, a sociedade mostrou-se madura, solidária e participativa, conseguindo, junto aos órgãos públicos, grandes conquistas para as comunidades atingidas, agilizou os processos de doações de remédios e coletas de sangue, divulgou a situação de várias áreas através de fotos e dicas de acesso, dados de meteorologia e mapas.

As redes sociais na Internet ampliaram as possibilidades de conexões e, com isso, ampliaram também a capacidade de difusão de informações dos diferentes grupos sociais. Antes, uma informação só se propagava através das conversas entre as pessoas ou por meio de jornais e revistas impressos. Nas redes sociais online, essas informações são amplificadas, reverberadas, discutidas e repassadas numa velocidade bem maior.

Este projeto tenta refletir sobre essas novas formas de mobilização que surgem sob vias virtuais, e também busca compreender as mudanças que essas ferramentas trazem à sociedade em geral; os pontos positivos e negativos que esses movimentos online podem trazer, e se são bem sucedidos ou se podem simplesmente cair na “revolução do sofá”.

## 2. A VOZ DA FERRAMENTA

Segundo Castells (2005), a sociedade em rede é caracterizada principalmente pela globalização de suas atividades econômicas e sua organização em redes; são grupos que se comunicam e compartilham experiências e opiniões. Assim surgem as redes sociais, com a finalidade de ser mais um meio de comunicação entre as pessoas de todas as culturas, a fim de atingir um objetivo comum.

As redes sociais se transformaram em armas contra a censura, elas passam a ser usadas como forma de protesto e luta por ideais. Segundo Eric Schmidt, presidente do conselho do Google, e Jared Cohen, diretor do instituto de pesquisa da companhia, no livro *The New Digital Age* (2013), a maioria das pessoas tem tendências moderadas e rejeita o extremismo que pode desestabilizar uma sociedade. Basta permitir que se conectem a outras pessoas parecidas com elas, e o mundo será um lugar melhor.

Em alguns países, como no Irã, a única arma disponível para os militantes de oposição aos governantes são as comunidades virtuais. A censura do governo durante a polêmica reeleição do presidente iraniano fez com que a Internet fosse usada pelos opositores para chamar a atenção da comunidade internacional para as eleições no Irã. Situações como essas fazem com que as manifestações online sejam temidas em vários países do globo.

Na *Primavera Árabe*, por exemplo, isso ficou muito claro. Havia grupos sociais, alguns religiosos, alguns laicos, alguns de orientações políticas bem diversificadas. Um dos causadores do sucesso da *Primavera Árabe* na derrubada dos governos ditatoriais da Tunísia e do Egito aconteceu pelo uso das redes sociais como suporte para as manifestações nas ruas. As redes eram usadas para organizar eventos, ou simplesmente para disseminar informação. O fato das redes sociais serem populares entre os jovens fez com que eles também participassem mais ativamente das manifestações.

“Assim dizemos que essas redes proporcionam mais voz às pessoas, mais construção de valores e maior potencial de espalhar informações. São, assim, essas teias de conexões que espalham informações, dão voz às pessoas, constroem valores diferentes e dão acesso a esse tipo de valor.” (SPYER, 2009: 25)

O crescimento das redes sociais é cada vez mais evidente: Segundo o site O Globo de 16/01/2013, o Brasil é o segundo maior mercado, tanto do *Facebook* quanto no *Twitter*. Quase 50 milhões de brasileiros estão cadastrados em sites de redes sociais. Além de contatos e de amizades, esses sites também são usados para fazer reclamações e reivindicar direitos. Vivemos em uma “guerra de informação”, e as novas armas são computadores, tablets e *smartphones*. O internauta se sente capaz de resolver todos os problemas mundiais num simples clique.

Por mais que alguns estudiosos apontem certa superficialidade na relação dos internautas com as causas sociais, há um consenso sobre a importância crescente da internet na política. A maior disseminação de informações ajuda a formar a opinião dos leitores. Cada vez mais, redes como o *Facebook* se tornam locais de debates de temas públicos.

“Para os internautas, as fronteiras entre épocas e níveis educacionais se esfumam. Apesar de, na web, continuar havendo brechas, tanto nos modos de acesso como na amplitude e heterogeneidade de repertório, aos que chegam a setores diversos, ao navegar ou ‘*googlear*’ textos e imagens de diferentes épocas, a cultura dos que são vizinhos e a dos que estão distantes torna-se espantosamente acessível. ‘Familiariza-se.’” (CANCLINI, 2008: 52)

“O lema para visionários tecnológicos de hoje ainda soa verdadeiro. Seu fetichismo tecnológico combinado com uma forte inclinação para populismo, talvez apenas uma forma de fazer as ‘carinhas’ em sua *fanpage*, agora está armado com *iPhones* e *iPads*, sente-se importante, evita a maioria dos gurus da Internet a partir de perguntas incômodas sobre os efeitos políticos e sociais da Internet.” (MOROZOV, 2011: 313)

Com a facilidade trazida pelas redes sociais na divulgação de um manifesto, os protestos vêm acontecendo de forma bem expressiva no mundo virtual. Embora muitas vezes eles não saiam das telas, algumas pessoas se sentem ativistas ao confirmar presença num evento no *Facebook*; outras vezes esses eventos acabam tomando proporções gigantescas e atingindo um grande número de pessoas, que saem às ruas em busca de um mesmo ideal.

Eric Schmidt e Jared Cohen reconhecem, porém, que, embora o ambiente *on-line* tenha ajudado a alimentar levantes populares, fez pouco para criar movimentos revolucionários duradouros. Schmidt e Cohen estão certos ao apontar para os efeitos perturbadores e abrangentes da internet, mas as tentativas dos Estados de exercer controle

sobre o mundo virtual mal começaram, e essa comunicação virtual pode ser uma nova forma de pressão da sociedade.

“Hoje, mais do que nunca, as novas tecnologias estão permitindo que o que antes era ficção científica se torne realidade, como dispositivos móveis, comunicação instantânea em um mundo interconectado através de agentes inteligentes, e os primeiros passos que já estamos começando a dar na direção de conceitos como arquitetura líquida e ‘ciborguização’ do ser humano.” (SPYER, 2009: 19)

Por outro lado, Evgeny Morozov tem uma opinião bastante diferente do que foi citado acima. No livro *The Net Delusion*, ele expressa justamente o lado negro da Internet:

“Ainda há muito pouco consenso sobre o tipo de métodos e as políticas que o Ocidente deve possuir para ser mais eficaz na promoção da democracia. Com as últimas décadas tão bem ilustradas, as boas intenções dificilmente são o suficiente.” (MOROZOV, 2011: 10)

A Internet ajuda e fascina os oprimidos mas seu papel efetivo na busca pela liberdade é ambíguo. O papel das redes sociais como instrumentos políticos é altamente questionável. Afinal, o *Facebook* não faz brotar armas nas mãos de rebeldes. Quanto mais as lideranças ocidentais reforçarem a crença de que a internet é uma poderosa aliada na luta contra regimes autoritários, mais eles vão reagir, encarando a Internet como uma arma a ser usada pelos governos para reprimir as revoltas sociais. Segundo Schmidt e Cohen, outro risco é o de que a internet, nas mãos de governos astutos, torne-se uma ferramenta de propaganda. Nada garante que ela não seja usada pelos opressores de forma eficiente no controle dos cidadãos. Seria ingênuo pensar que a mesma arma não seria usada também pelos governos.

No passado, não foram poucos os avanços tecnológicos que produziram um otimismo excessivo nas pessoas. Marx achava que as ferrovias iriam derrubar o regime de castas indiano. Em 1858, a revista *New Englander* estampou: “O telégrafo uniu todas as nações. Na década de 30, muitas pessoas acreditaram que o avião iria revolucionar a democracia pelo mundo, refinar o gosto das massas e acabar com as guerras. Parece que a Luftwaffe não concordava. O rádio fez pessoas sonharem com a paz mundial, mas Hitler e Mussolini não compartilhavam dessa ideologia. A televisão passou a ser a grande esperança, mas faltou novamente combinar com os inimigos da liberdade.”

De certo modo, avanços tecnológicos podem colaborar com a luta por mais democracia e liberdade, mas não há garantia alguma de que o efeito será positivo. Quando

muitos passam a crer que basta ter uma rede social, que automaticamente mais liberdade será o resultado, aí mesmo é que mora o perigo. Inovações tecnológicas estão sempre prometendo demais e entregando de menos quando se trata de mudar a natureza humana. O preço da liberdade é a eterna vigilância. A internet pode ajudar nesta vigilância, mas também ajuda na vigilância do governo sobre nós, ou na organização de terroristas, criminosos e disseminadores de ódio. A luta não está definida.

A “Revolução do sofá” agrega defesas e até promove debates no eixo digital, mas perde força ao tentar ganhar as ruas. E nos perguntamos, porque isso ocorre? As redes sociais desempenharam um papel importante nos recentes movimentos contra a ditadura nos países árabes, conhecidos como *Primavera Árabe*, porém eles não se iniciaram na rede, e sim nas ruas, como tradicionalmente são feitos os protestos, mas ganharam grandes proporções ao “invadir” as redes sociais. Os protestos foram organizados através de reuniões em comunidades virtuais, que então colaboraram para a difusão da informação. As lutas raciais, sociais e humanas são temas de comunidades, que por meio da propagação de suas reflexões, levam seu ponto de vista a um contingente de pessoas. Por sua vez, essas atitudes colaboram para o conhecimento público e, conseqüentemente, com a indignação e a vontade de mudança por quem recebe esses pontos de vista.

“Se não houver um acesso universal da população ao amplo mundo dos computadores em rede com tecnologias, não teremos domínio e conteúdos, não teremos garantias, nem da democratização digital, nem da generalização da economia e dos benefícios sociais fornecidos pelos avanços tecnológicos.” (CASTELLS, 2005: 17)

Para esses movimentos online terem sucesso, é preciso que se tornem um processo real, tenham proporções reais, tenham uma demanda social; como no caso do movimento *AMOR SIM, RUSSOMANO NÃO*, movimento que conseguiu mudar o rumo dos acontecimentos, e por fim, o candidato não passou ao segundo turno das eleições, e esse movimento se iniciou no *Facebook*.

## 2. O FACEBOOK

Criado em 4 de fevereiro de 2004 por Mark Zuckerberg e seus colegas de quarto da faculdade; Eduardo Saverin, Dustin Moskovitz e Chris Hughes, o *Facebook* tem hoje mais de 1 bilhão de usuários ativos. Um estudo de janeiro de 2009 do *Compete.com* classificou o *Facebook* como a rede social mais utilizada em todo o mundo por usuários ativos mensais.

Hoje, o *Facebook* tem um papel muito importante em protestos e revoluções, e tem atraído a atenção de outras mídias para o mesmo desempenho.

"Enquanto as grandes empresas estão pensando em como sair das crises mantendo seu aparato funcionando e dando lucro, nestes lugares de co-working se observa, se trabalha, se debate e se cria um futuro diferente. Como a poeta Margaret Mead costumava dizer 'Nunca duvide que um pequeno grupo de cidadãos conscientes e engajados possa mudar o mundo.' De fato, essa foi a única forma como isso aconteceu até agora." (SPYER, 2009:15).

O consenso atual é o de que as redes sociais são capazes de facilitar a mudança de um regime, elas criam novas condições e possibilitam ocasiões inesperadas. Um pressuposto subjacente é o de que as mídias sociais dificultam a manutenção de um regime autoritário. Assim, diversas empresas e Governos estão agora monitorando o que é falado sobre nas redes.

As pessoas estão procurando cada vez mais a internet para realizarem campanhas políticas, seja no *Twitter* ou no *Facebook*. As redes viraram a ágora moderna, em que todos, democraticamente, podem se manifestar, desde que respeitem normas da boa conduta e leis que preservam as pessoas de ofensas ou discriminação.

Esses meios então passam a ser o espelho de uma sociedade cada vez mais indignada.

"Num mundo de desigualdade entre línguas, rígidas estruturas acadêmico-disciplinares e monopólios de informações, nem a internet nem a formação de uma enciclopédia digital podem ser sistemas neutros." (CANCLINI, 2008: 15)

As informações são muito mais acessíveis, e estão ali para que todos possam usar, podendo também ocorrer algumas divergências de informações. Essas novas mídias têm uma velocidade maior para propagar informações do que as mídias convencionais, como jornais impressos e revistas, e por esse motivo a população as tem usado com mais frequência para se expressar.

É dali que se pode tirar um extrato do Brasil que não funciona e desrespeita o consumidor e o contribuinte. Delas pode-se ter uma ideia de como a população de baixa renda sofre calada: aquela, sem competência comunicativa, sem voz para expressar indignação, porque não teve oportunidade de estudar ou ainda é analfabeta funcional. Basta entrar no *Twitter* e ver como existem inúmeras reclamações aos perfis de empresas. Mas, como qualquer ferramenta, elas têm pontos fracos e pontos fortes. Além disso, sua eficiência depende de como os líderes as usam e da acessibilidade que as pessoas que sabem como usá-las têm a elas.

Falar sobre a influência das redes de comunicação social no comportamento da sociedade em momentos de tensão social tem sido uma matéria constante de revistas e jornais:

“Estamos começando a viver a era do nomadismo versão 2.0. Esse nomadismo nos traz uma grande e desejada independência, uma liberdade de leis trabalhistas, de estruturas rígidas, de regras e hierarquias corporativas e governamentais. E compõe um cenário que nunca existiu neste planeta antes, de ausência de estruturas até então convencionais que, por sua vez, nos provoca também a novas perguntas e desafios.” (SPYER, 2009:14)

Com o acesso a internet e a inclusão social, as pessoas passam a questionar mais o que antes podia ser simplesmente ignorado ou desconhecido.

“É virtual toda entidade ‘desterritorializada’, capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados, sem, contudo, estar ela mesma presa a um lugar ou tempo em particular.” (LÉVY, 1999:48)

As informações somam-se umas às outras em espaços virtuais específicos, podendo alcançar um número significativo de indivíduos e gerar um fato social ou político.

“Assim, dizemos que essas redes proporcionaram mais voz às pessoas, mais construção de valores e maior potencial de espalhar informações. São, assim, essas teias de conexões que espalham informações, dão voz às pessoas,

constroem valores diferentes e dão acesso a esse tipo de valor.” (SPYER, 2009:25)

Mas essa voz pode também ser uma voz ilusória, uma voz que não seja nossa, mas sim nos foi imposta:

“Os papéis da mídia no cultivo de conhecimento político, tanto em sociedades democráticas quanto autoritárias, são muito semelhantes. Antes do surgimento da televisão a cabo no Ocidente, o conhecimento sobre política, especialmente do tipo cotidiano, era algo acidental, mesmo em sociedades democráticas. Markus Prior, um estudioso da comunicação política na Universidade de Princeton, argumenta que a maioria dos americanos foi exposta às notícias políticas não porque queria vê-las, mas porque não havia nada mais para assistir.” (MOROZOV, 2011: 60)

É preciso saber o que queremos protestar, se estamos engajados realmente em algo que vale a pena ao contexto social, e se isso dará certo quando sair da rede.

## 4. AMOR SIM, RUSSOMANNO NÃO

Em 2012, nas eleições para prefeito da cidade de São Paulo, após conseguir o apoio de milhares de internautas e ter o evento tirado do ar pelo *Facebook* duas vezes, o festival *Amor Sim, Russomanno não* ganhou as ruas de São Paulo, com um encontro previamente marcado no *Facebook*, na Praça Roosevelt, no centro de São Paulo, contra o candidato do PRB a prefeito de São Paulo, Celso Russomanno.

O protesto era descrito no *Facebook* como um “evento que pretendia fazer uma grande festa e uma grande onda positiva em São Paulo para acabar com a farsa chamada Celso Russomanno”, e ainda pedia para as pessoas vestirem uma peça de roupa da cor rosa-shocking, como forma de protesto apartidário, pela cor não representar nenhum partido.

A ideia do ato nasceu de uma reunião entre artistas no *Espaço Teatral Satyros*. Ivam Cabral, cofundador da trupe e diretor da Escola SP de Teatro, foi um dos entusiastas do evento. Ele declarava voto ao candidato do PSDB, José Serra, mas deixava claro respeitar os outros políticos do pleito, e citou Carlos Giannazi (Psol), Soninha Francine (PPS) e Fernando Haddad (PT). Em contrapartida, o dramaturgo deixava claro em um blog que "discordava totalmente de Celso Russomanno".

Usuários da rede criaram outros cerca de 240 eventos chamando para a manifestação, alguns deles com mais de 4 mil confirmações de presença. Algumas vezes, o evento foi excluído pelos mediadores da rede social, denunciado por anônimos, o que muitos consideraram como moderada censura, conforme citado no site O Globo, em 05/10/2012.

Os usuários do *Facebook* foram compartilhando seus convites, e a partir desse momento, nem mais se precisava da página, o evento se tornou muito conhecido na cidade de São Paulo. Isso foi propagado na rede, em que muitos usuários receberam convites do evento para comparecerem ao local que seria realizado, e com isso o evento ganhou mais poder.

Na página é possível ver que a organização é feita por membros do grupo de produtores culturais *Fora do Eixo* e do grupo *Santo Forte*, que criaram os eventos e os divulgaram em suas páginas e nas ruas da cidade.

O *Facebook*, que mantém uma força-tarefa jurídica para avaliar questões eleitorais, assumiu a remoção indevida do conteúdo e avisou quando o link havia sido restabelecido.

Segundo o site O Globo, em 05/10/2012, foram mais de 4.159 pessoas confirmando a participação no evento de protesto contra o candidato à prefeitura de São Paulo, Celso Russomanno.

Numa noite de sexta-feira, centenas de jovens, idosos e crianças vestidos de rosa lotaram a calçada dos teatros e barzinhos que ladeiam a praça. Eram nove da noite, e a praça também já estava cheia de gente animada conversando, dançando e se manifestando. Os DJs da *Matilha Cultural* estiveram presentes com música – soul, hip-hop e MPB dançante, sem pedir autorização. A Guarda Civil Metropolitana estava ciente da mobilização e não implicou com a tenda, mas pediu que controlassem o volume do som, situação presenciada por quem esteve presente. Depois do evento, Celso Russomanno não foi ao segundo turno das eleições para Prefeito da cidade de São Paulo.

Sem dúvida, a divulgação de blogueiros e mensagens no *Facebook* ajudaram na reunião e logística das pessoas durante os movimentos. Isso mostra que hoje em dia podemos ter uma causa social engajada, importante e de fins comuns entre os cidadãos, com potencial para dar certo saindo da rede e indo para as ruas.

Essa facilidade em expressar idéias e contato entre pessoas é um dos méritos da rede, mas esses exemplos de comunicação não podem nos deixar acreditar no determinismo tecnológico, na crença de que isso resolveria grande parte dos problemas globais.

As redes virtuais alteram os modos de ver e ler, as formas de reunir-se, falar e escrever, de amar e saber-se amado à distância, ou, talvez, imaginá-lo. (CANCLINI, 2008: 54)

A interpretação depende de cada um, a informação está acessível a todos, porém, não há garantias de reais interpretações, ou mesmo da veracidade dos fatos; é preciso checar. Assim, as formações somam-se umas às outras, em espaços virtuais específicos, podendo alcançar um número significativo de indivíduos e gerar um fato social ou político.

Nosso mundo está em processo de transformação estrutural há duas décadas. É um processo multidimensional, mas está associado à emergência de um novo paradigma tecnológico, baseado nas tecnologias de comunicação e informação, que começaram a tomar

forma nos anos 60 e que se difundiram de forma desigual por todo o mundo. Segundo Castells, sabe-se que a tecnologia não determina a sociedade, ela é a sociedade e ela é que dá forma à tecnologia de acordo com as necessidades, valores e interesses das pessoas que utilizam essas tecnologias.

“Além disso, as tecnologias de comunicação e informação são particularmente sensíveis aos efeitos dos usos sociais da própria tecnologia. A história da Internet fornece-nos amplas evidências de que os utilizadores, particularmente os primeiros milhares, foram, em grande medida, os produtores dessa tecnologia.” (CASTELLS, 2005: 18).

“A comunicação constante e em tempo real dos desenvolvedores (preferencialmente de maneira presencial) ataca os problemas de comunicação e entendimento e, ao mesmo tempo, evita a necessidade de documentação formal e extensiva. A cada ciclo, novos requisitos são atendidos e novas funcionalidades adicionadas ao produto. Dessa maneira, projetos de todos os portes podem ser desenvolvidos com os métodos ágeis.” (SPYER, 2009:23).

Adeptos de protestos via internet podem não ter um profundo envolvimento com a causa, e podem chegar até a ser manipulados por instituições de poder, mas mesmo com esses pontos negativos, essas manifestações são válidas e trazem benefícios, como nos casos citados acima, onde multidões se reuniram em prol de causas que tiveram um resultado positivo, e que de certo modo mudam ou melhoram a vida de muitas pessoas.

“O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que e pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar.” (FOUCAULT, 2008, p. 9-10)

“A obra de cibercultura atinge certa forma de universalidade por presença ubiqüitária na rede, por conexão com as outras obras e copresença, por abertura material, e não mais necessariamente pela significação válida ou conservada em todas as partes.” (LÉVY, 1999:149)

Sendo assim, percebe-se que as redes sociais são ferramentas muito importantes nos dias de hoje para esse tipo de ato, porém, elas ainda dependem das outras formas de mídia para que possam ter um resultado mais satisfatório. Ainda assim, não se pode deixar de ressaltar que muitas vezes o ponto de vista da mídia é ditado por interesses daqueles que de alguma forma a manipulam.

“O ciberespaço é especialmente fraco nesse sentido, pois abriga essencialmente processos de leitura e escrita coletivos, distribuídos e assíncronos.” (LÉVY, 1999:149).

De certo modo, a rede permite a continuidade de atenção e registro aos fatos, mesmo que eles já tenham assumido a característica de um fato político estabelecido.

“No seu ponto de vista, as novas tecnologias destroem empregos, a Internet isola, nós sofremos de excesso de informação, a infoexclusão aumenta a exclusão social, o Big Brother aumenta a sua vigilância graças a tecnologias digitais mais potentes, o desenvolvimento tecnológico é controlado pelos militares, o tempo das nossas vidas é persistentemente acelerado pela tecnologia, a biotecnologia leva à clonagem humana e aos maiores desastres ambientais, os países do Terceiro Mundo não precisam de tecnologia, mas da satisfação das suas necessidades humanas, as crianças são cada vez mais ignorantes porque estão sempre a conversar e a trocar mensagens em vez de lerem livros, ninguém sabe quem é quem na Internet, a eficiência no trabalho é sustentada em tecnologia que não depende da experiência humana, o crime e a violência, e até o terrorismo, usam a Internet como um *medium* privilegiado, e nós estamos rapidamente a perder a magia do toque humano.” (CASTELLS, 2005: 18)

Nas mídias tradicionais, e mesmo nas novas mídias, em muitos casos a informação é passada somente até o momento em que um problema é resolvido e se transforma em fato; ou existe uma repercussão muito grande num fato, mas ele cai no esquecimento sem nem mesmo ter sido resolvido. Com o turbilhão de informações que o internauta recebe o tempo todo, é muito fácil alguns fatos perderem importância muito rapidamente. Sempre existirá outro fato para substituí-lo.

A busca pela exclusividade tem aproximado cada vez mais a mídia tradicional dos blogs e, especialmente, do *Twitter*, porém, é preciso atingir mais gente. Por potencializarem uma autonomia social os governos querem tanto controlar essa rede, e até censurar a internet, porém, sem muito sucesso. Antes, o monopólio da informação e comunicação era do governo, não havia debate, não havia vozes dissonantes. De certo modo, atualmente isso acabou, porém ainda existem algumas famílias que manipulam e controlam essas informações. Eles que controlam o que você deve ou não saber, ditam normas comportamentais e culturais,

As reações de governos autoritários levantam perguntas quanto ao poder que as autoridades possuem para controlar a informação. Segundo Schmidt e Cohen, A população de países repressivos em breve terá de lutar com mais afinco por seus direitos. Mas terão à sua disposição "ferramentas e softwares" criados para "ajudar a salvaguardar os cidadãos que vivem sob repressão digital".

Cada vez mais os governos, democráticos ou totalitários, percebem que a Internet é um campo estratégico, e que estar presente na rede é importante. Os países autoritários, porém, como China, Irã, Cuba ou Egito, exercem certo controle sobre as informações postadas nas redes.

“No entanto, é difícil compreender uma mensagem fora de seu contexto vivo de produção. É este o motivo pelo qual, do lado da recepção, foram inventadas as artes da interpretação, da tradução, toda uma tecnologia linguística.” (LÉVY, 1999:176).

“O efeito espontâneo da expansão do ciberespaço é aumentar a capacidade de controle estratégico dos centros de poder tradicionais sobre as redes tecnológicas, econômicas e humanas cada vez mais vastas e dispersas.” (LÉVY, 1999:189).

A revolução ainda continua sendo feita pelas pessoas das formas tradicionais, entretanto, as redes sociais aparecem como mais uma arma no arsenal daqueles que têm um espírito revolucionário. Assim, a internet acaba por desempenhar o papel de uma das fontes viabilizadoras de práticas sociais e políticas democráticas. Elas são um agente potencializador da causa. Contudo, esse é o ponto crucial de todo este enredo: a manifestação não se encerrou no meio virtual, ela tomou as ruas; voltou à seus primórdios.

“Redes sociais, assim, têm potencial para colaboração, para a difusão de informações e para a construção de novos valores sociais.” (SPYER, 2009:26)

Esse movimento comprova que a rede tem seu poder de mobilização e, em alguns casos, vem sendo usada como um instrumento de exercício da cidadania.

## 5. A REVOLUÇÃO DO SOFÁ

A nova onda de protestos virtuais carrega consigo inúmeras controvérsias nas novas discussões sobre as redes sociais. Milhares de internautas aderem às campanhas virtuais que, muitas vezes, agregam defesas e até promovem debate no eixo digital, mas perdem força ao tentar ganhar as ruas, o que podemos chamar de *Revolução do sofá*.

Há quem ache que manifestos virtuais são o triunfo da preguiça de um mundo moderno e tecnológico, que quem tem uma causa genuína vai protestar nas ruas. A popularização da internet está provocando uma grande revolução na sociedade global. Cada vez mais pessoas começam a acessar a Internet e descobrem novas possibilidades e um turbilhão de informações.

Os movimentos gerados pela falta de liberdade de expressão, pelas más condições de vida ou por problemas socioeconômicos, se tornaram exemplo de sucesso nas redes para mobilizações sociais e políticas, e se reproduziram em maior intensidade, inclusive no Brasil.

O resultado das mobilizações pela internet é informar, atingir proporções maiores de pessoas com um interesse comum no assunto, gerar conteúdo na mídia, empenhar-se em dada atividade ou empreendimento. É uma ferramenta que serve como auxílio para esse tipo de movimento, mas não deve ser usado como o principal meio de obter resultados, sendo mais um meio que se pode utilizar para tornar uma causa mais conhecida, e com isso atingir um público maior, e quem sabem ganhar força e sair às ruas.

No Brasil, os protestos anticorrupção têm sido um dos principais exemplos de mobilizações sociais. No entanto, os brasileiros demonstram um comportamento ativista somente na esfera online, na qual são incisivos e participativos, enquanto nas ruas os movimentos perdem força e reúnem poucas pessoas. Num passado bem recente, cidadãos, responsáveis pelas principais mudanças revolucionárias da história, ainda possuíam uma atividade intensa em seus movimentos sociais. Hoje, as pessoas saem às ruas em eventos como *Zombie Walk*, ou festas, e agem “politicamente” em sua zona de conforto em frente a seus computadores. Não que as festas e comemorações sejam erradas, mas quando se fala de

vestir a camisa para uma causa política, perde-se o entusiasmo, talvez por não se acreditar em uma solução, ou mesmo por não se achar necessário.

“Ao estabelecer uma comparação entre os protestos e campanhas que não utilizavam a internet com as mobilizações que a utilizam, o professor de Letras Jorge de Souza Araujo afirma que as novas tecnologias imprimem velocidade e extensão impensáveis em décadas anteriores. ‘Talvez o idealismo não seja equivalente, mas permanece a nortear comportamentos louváveis’. Para Jorge, alguns usuários de protestos via internet podem não ter um profundo envolvimento com a causa e podem chegar até a ser manipulados por instituições de poder, mesmo assim o professor acredita que essas manifestações são válidas e trazem certos benefícios.” (BASTOS-CONSTANTINO, 2011)

Já que atitudes como sair às ruas em prol de um objetivo comum são mais difíceis do que os protestos virtuais, se espera que o povo tome interesse também no ativismo popular, e que saiam às ruas e os protestos tenham mais resultados. Que saibam aproveitar as oportunidades que a rede mundial de computadores gera para iniciar as mobilizações, mas não para por ali.

A revolução digital entrou definitivamente na vida dos internautas. Numa geração digitalizada, precisa ganhar fôlego a ideia de que o manifestar ocorre nas ruas, e de que a ação é daquele que sai do ambiente digital, e para seu sucesso é preciso adquirir mais informações sobre o assunto em questão, a falta de politização ajuda no comodismo e na perda do entusiasmo por uma causa.

Na verdade, falta não só no ativismo digital, mas também no ativismo, uma consciência mais politizada. Uma manifestação de sucesso começa de um clamor popular, que toma as ruas, e vai às redes sociais para divulgar, e não o contrário.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *Facebook* e as outras redes sociais são sim ferramentas muito importantes para serem usadas como um meio de disseminar um protesto político, porém, somente por essas vias, não se terá resultados. Na verdade, as redes servem como um trampolim para que se chegue a um resultado de sucesso, mas é preciso agir de verdade, ter uma postura política, sair às ruas e vestir a causa que se está representando.

Por maior que seja o avanço tecnológico, ainda se percebe um resultado melhor em protestos tradicionais, que saem às ruas e que em seguida podem ganhar proporções virtuais. Não é ruim que uma sociedade faça manifestações por seus direitos, porém, quando for algo bem fundamentado, uma causa discutida amplamente, quando houver perguntas e respostas e soluções procuradas, quando se procura apoio de todas as camadas, criando um movimento centrado e fundamentado que lute pelos direitos comuns de todos os cidadãos.

Sendo assim, devido à evolução tecnológica e às necessidades de se expressar para um grupo maior, as redes sociais são muito importantes para um resultado satisfatório de um protesto político que está nas ruas, e vice-versa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASTOS, Elisa; CONSTANTINO, Fernanda. *Protestos virtuais: como sair da tela do computador?* Cadernos de reportagem, Rio de Janeiro, 2011 Disponível em: <<http://cadernosdereportagem.blogspot.com.br/2010/12/protestos-virtuais-como-sair-da-tela-do.html#.UXiLorV1-Cg>> Acesso em: 11 mai. 2013.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Leitores, espectadores e internautas*. Trad. de Ana Goldberger. São Paulo: Iluminuras, 2008.

CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em rede*. Vol. I. 6ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. 16.ed. São Paulo: Loyola, 2008.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

MOROZOV, Evgeny. *The Net Delusion: The Dark Side of Internet Freedom*. New York: Public Affairs, 2011.

SCHMIDT, Eric; COHEN, Jared. *The New Digital Age: Reshaping the Future of People, Nations and Business*. New York: Knopf, 2013.

SPYER, Juliano. *Para entender a Internet: Noções, práticas e desafios da comunicação em rede*. São Paulo: Editora Não Zero, 2009.